

# Análise semântica dos nomes comuns atribuídos às espécies de *Passiflora* (Passifloraceae) no Estado da Bahia, Brasil

Semantic analysis of the common names ascribed to the *Passiflora* species (Passifloraceae) in the state of Bahia, Brazil

Eraldo Medeiros Costa Neto<sup>1</sup>  
eraldont@hotmail.com

---

## Resumo

No Estado da Bahia, Nordeste do Brasil, o gênero *Passiflora* está representado por 31 espécies com distribuição ampla, ocorrendo em praticamente todos os biomas do Estado. A partir de estudo prévio sobre as espécies de *Passiflora* na Bahia e considerando os nomes comuns associados a algumas espécies por estes autores, o presente artigo investiga o lexema 'maracujá' desde uma perspectiva semasiológica, buscando entender a formação lingüística do termo. Este artigo se insere na abordagem da etnobotânica cognitiva, relacionando-se com o campo de estudos da etnobiologia lingüística, a qual trata da relação seres humanos/mundo vegetal conforme mediada pela linguagem.

**Palavras-chave:** etnobotânica, etnotaxonomia, fitonímia.

---

## Abstract

The genus *Passiflora* is represented by 31 species with ample distribution and occurs in almost all biomes in the state of Bahia, Northeastern Brazil. Based on previous study about the *Passiflora* species from Bahia and considering the common names ascribed to some species by these authors, this article deals with the lexeme 'maracujá' from a semasiological perspective, seeking to understand the linguistic construction of that term. This article has a cognitive ethnobotany approach and relates to the study area of linguistic ethnobiology, which investigates the relationship between human beings and the plants as mediated by language.

**Key words:** ethnobotany, ethnotaxonomy, phytonomy.

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de Ciências Biológicas, Km 03, BR 116, 44031-460, Feira de Santana, Bahia, Brasil.

## Introdução

Dentre as várias definições de etnobotânica, pode-se entendê-la como o estudo das inter-relações (materiais ou simbólicas) entre o ser humano e as plantas, incluindo-se os fatores ambientais e culturais, bem como os conceitos locais que são desenvolvidos com relação às plantas e ao uso que se faz delas (Jorge e Morais, 2003). O termo etnobotânica foi cunhado por Harshberger (1896), que a definiu como “o estudo das plantas usadas por povos aborígenes e primitivos”. Existem duas grandes abordagens de estudo: etnobotânica cognitiva, que atrai o interesse de lingüistas e antropólogos; e etnobotânica econômica, que vem sendo investigada por botânicos, arqueólogos, farmacólogos, ecólogos entre outros (Cotton, 1997).

A perspectiva cognitiva foi iniciada na década de 1950, quando os pesquisadores começaram a realizar estudos etnocientíficos, tendo como foco as classificações etnobiológicas e as bases científicas do conhecimento tradicional. Por meio de métodos provenientes da Lingüística (semântica) e da Antropologia (Harris, 1976), busca-se registrar o significado que uma dada sociedade atribui às espécies biológicas presentes nos ecossistemas (Berlin, 1992). O marco da pesquisa orientada cognitivamente foi o estudo de Conklin (1954) sobre a relação da etnia Hanunóo (Ilha Mindoro, Filipinas) com o mundo das plantas. Trata-se da primeira descrição de um sistema de classificação etnobotânica de uma sociedade sem escrita. Os pesquisadores que seguem o enfoque etnocientífico justificavam a grande ênfase dada aos aspectos semânticos e de classificação, alegando que as decisões sobre os usos alimentício, tecnológico, medicinal etc. das plantas e animais baseiam-se em critérios que podem ser expressos em forma lingüística (Hunn, 1982). Segundo Revel (1994), cada idioma em particular possui uma visão única do mundo, uma vez que todas as percepções (ver, ouvir, tocar,

cheirar e saborear) são canalizadas pelos hábitos lingüísticos que favorecem certas alternativas de interpretação. Dessa maneira, o pesquisador etnobotânico necessita ter um conhecimento básico de lingüística para desenvolver seus estudos (Prance, 2000).

A etnotaxonomia biológica investiga os processos pelos quais os organismos vivos são percebidos, identificados, denominados e classificados. Do ponto de vista da etnobotânica, a etnotaxonomia tem como proposta oferecer uma estratégia mais operativa para correlacionar o uso de plantas aos fenômenos sócio-culturais observados em campo (Posey, 1986). De acordo com Albuquerque (2005), o mundo biológico é classificado em função das características percebidas, sejam elas intrínsecas (como substâncias produzidas pelas plantas) ou extrínsecas (como morfologia). Os processos de categorização são influenciados culturalmente (categorias cognitivas) e organizados em padrões lógicos (estruturas taxonômicas) distintos para cada sociedade (Lévi-Strauss, 1962; Brown, 1985; Hunn, 1982; Hays, 1983).

Os padrões de expressão lingüística de um povo mostram uma regularidade etnossemântica que incorpora uma ligação holística e mútua entre o ser humano e as plantas, os animais, as paisagens e o sobrenatural (Maffi, 1999). Partindo desse pressuposto, Berlin *et al.* (1973) estabeleceram as três principais áreas de estudo na sistemática etnobiológica: classificação, que se refere ao conjunto de princípios pelos quais as classes de organismos são naturalmente organizadas na mente pré-científica; nomenclatura, que se refere à descrição dos princípios lingüísticos de denominação das classes organizadas de seres vivos em um dado idioma; identificação, que diz respeito às características físicas utilizadas para associar um organismo particular a uma classe específica. Segundo estes autores, a taxonomia etnobiológica tem caráter hierárquico porque, enquanto nos níveis mais baixos se encontram as categorias mais

exclusivas (etnogênero ou genérico e etnoespécie ou específico), na medida em que se sobe na seqüência dos níveis de classificação, encontram-se categorias cada vez mais genéricas e inclusivas (formas de vida). Este caráter hierárquico, que envolve relações de inclusão, e as relações de contraste manifestam os dois procedimentos básicos da classificação: o de agrupar e o de distinguir.

De acordo com Berlin *et al.* (1973), a nomeação de organismos vivos na sistemática *folk* é essencialmente similar em todas as línguas e pode ser descrita com base em um pequeno número de princípios nomenclaturais. Lévi-Strauss (1962) salienta que nomear é um processo que confere significado contextual às continuidades e às descontinuidades objetivas na natureza. Por esta razão, tanto as classificações etnobiológicas quanto a moderna classificação biológica científica têm sido incentivadas primariamente por esforços intelectuais do ser humano para codificar linguisticamente a realidade biológica que o confronta (Berlin, 1992).

A compreensão da formação lingüística do nome de um organismo é essencial nos estudos de etnobiossistemática. Daly (1998) enfatiza que o nome de um animal ou de uma planta aponta para um conceito, categoria ou táxon, que é um arquivo de história natural cheio de informação, uma vez que pode revelar, assim como, às vezes, obscurecer, como os processos de percepção, identificação e nomeação foram e estão organizados. Para Atran (1990), a obtenção do vocabulário (léxico) adotado por determinada população local seria o primeiro passo para acessar as informações sobre os diversos domínios cognitivos que compõem a mente e também uma forma de aproximação indireta da formação e difusão de conceitos relacionados ao universo pesquisado.

No Brasil, estudos voltados ao registro do conhecimento botânico tradicional começaram com André Thevet, Guilherme Piso e von Martius, que aproveitaram

da nomenclatura indígena, mas não estudaram a glossologia e a taxonomia dos nomes das plantas (Haverroth, 1997). No início do século XX, Barbosa Rodrigues (1905 in Haverroth, 1997) publicou um estudo sobre nomenclatura botânica por indígenas da família lingüística Tupi-Guarani e por Tapuios do Vale do Amazonas, Paraguai e Mato Grosso. Na década de 1960, Hartmann (1967) descreveu e analisou linguisticamente os nomes pelos quais os Bororo (povo indígena do Mato Grosso) identificavam as plantas. A autora preocupou-se em registrar os princípios que orientavam a classificação e a categorização das plantas no ambiente de cerrado por esses índios.

Dentre as plantas de interesse etnobotânico, destacam-se as da família Passifloraceae. Esta família é predominantemente tropical e subtropical e possui cerca de 20 gêneros e 650 espécies, a maioria das quais está subordinada ao gênero *Passiflora*, com aproximadamente 400 espécies do Neotrópico (Killip, 1938 in Nunes e Queiroz, 2006). ‘Maracujazeiro’ é a designação comum a diversas plantas deste gênero, representado por trepadeiras sublenhosas de frutos comestíveis e com propriedades terapêuticas de largo uso tradicional nas áreas onde ocorrem (Sangirardi Jr., 1981; Voeks, 1996; Brooker et al., 1998; Castner et al., 1998). O maracujá é conhecido como um fruto comestível e fonte de um suco de mesmo nome. Sua polpa é usada em saladas de frutas e como um aromatizante em molhos. Na Nova Caledônia, as espécies de *Passiflora* são usadas como inseticidas e vermífugos (Brooker et al., 1998).

No Estado da Bahia, *Passiflora* está representada por 31 espécies com distribuição ampla, ocorrendo em praticamente todos os biomas do estado (Nunes e Queiroz, 2006). Considerando os nomes comuns registrados por estes autores para algumas espécies, o presente estudo investiga o lexema ‘maracujá’ desde uma perspectiva semasiológica, buscando entender a formação lingüística do termo.

## Materiais e métodos

Este artigo se insere na abordagem da etnobotânica cognitiva, relacionando-se com o campo de estudos da etnobiologia lingüística, a qual trata da relação seres humanos/mundo vegetal conforme mediada pela linguagem (Brown, 2001).

Os nomes comuns das espécies de maracujás foram obtidos consultando-se o artigo de Nunes e Queiroz (2006), que realizaram um inventário sobre o gênero *Passiflora* em diferentes localidades do Estado da Bahia. Recomenda-se a leitura deste artigo para maiores detalhes quanto à chave de identificação, descrições, ilustrações, fotos e mapas de distribuição das espécies.

Os dados foram discutidos seguindo-se as técnicas de análise etnossemântica, encontradas nos trabalhos de Conklin (1962), Berlin (1992) e Couto (2007), para entender o significado do nome da planta (categoria nominada) na cultura em foco (Cotton, 1997).

## Resultados e discussão

Se considerados os sinônimos, foram registrados 38 nomes comuns para as 31 espécies de *Passiflora*, que se distribuem em nove gêneros: ‘Camapu’, ‘Flor-da-paixão’, ‘Gema-de-ovo’, ‘Maracujá’, ‘Maracujai’, ‘Maracujazinho’, ‘Peroba’, ‘Poca-poca’ e ‘Tripa-de-galinha’ (Tabela 1). Nem todas as espécies tiveram seus nomes comuns registrados, enquanto outras tiveram mais de dois nomes. O vocábulo maracujazeiro não foi registrado por Nunes e Queiroz (2006). Isto se deve porque, segundo Couto (2007), quando a árvore é frutífera, em geral ela é chamada pelo nome da fruta e não da árvore em si. Quando é necessário referir-se à árvore, e não ao seu fruto, geralmente se usa a expressão “pé de X”.

Dos 38 nomes comuns registrados para as espécies de Passifloraceae da Bahia, 34 são nomes binominais e quatro são monominais. Lingüis-

ticamente, a estrutura de nomes específicos, segundo os princípios da classificação etnobiológica de Berlin (1992), é regularmente binominal, com o genérico modificado por um adjetivo que usualmente designa algum caráter morfológico óbvio. Os nomes específicos monominais também existem, mas, quando ocorrem, são polissêmicos com seus genéricos superordenados mais bem conhecidos ou com os mais largamente distribuídos.

Na formação dos nomes comuns, predominam as características morfológicas, como cor, tamanho e forma do fruto, consistência da casca do fruto, consistência do caule e hábito da planta. Aspectos ecológicos, como hábitat e uso trófico dos frutos por determinados animais, bem como aspectos culturais, no que se refere ao cultivo e consumo dos frutos (ação antropogênica), também são critérios perceptuais importantes utilizados pelos indivíduos para denominar as espécies de *Passiflora* (Tabela 2).

Segundo Sampaio (1995), o termo ‘maracujá’ provém do idioma Guaraní: *Mburukujá*. Os lexemas ‘maracujai’ e ‘maracujazinho’ são genéricos sinônimos. O primeiro traz o sufixo tupi “i” que significa algo pequeno, enquanto o segundo é a forma aportuguesada. Couto (2007) fala que a formação de nomes no diminutivo, assim como no aumentativo, articula-se ao longo de um mesmo eixo semântico, que é o tamanho: nomes que seguem os esquemas N+inho e N+não são formados por referência a outra espécie que tem nome com o mesmo radical. Ainda de origem tupi é o vocábulo ‘poca’, o qual é um pospositivo, que significa barulhento, ruidoso ou estridente (Houaiss e Villar, 2001). Daí que o nome comum ‘poca-poca’ está reunido com os demais nomes que se referem ao hábito que o fruto tem de abrir-se estourando para espalhar as sementes.

No Dicionário Houaiss da língua portuguesa, tem-se que o termo ‘peroba’ designa várias árvores das famílias Apocinaceae e Bignoniaceae, que têm

**Tabela 1.** Nomes comuns para as espécies de *Passiflora* no Estado da Bahia, segundo Nunes e Queiroz (2006).  
**Table 1.** Common names for *Passiflora* species in the state of Bahia, in accordance with Nunes and Queiroz (2006).

Espécie	Nomes comuns
<i>Passiflora alata</i> Curtis	Maracujá, maracujá-açu, maracujá-doce
<i>P. amethystina</i> Mikan	Maracujá-de-cobra
<i>P. bahiensis</i> Klotzsch	...
<i>P. capsularis</i> L.	...
<i>P. cincinnata</i> Mast.	Flor-da-paixão, maracujá, maracujá-brabo, maracujá-cultivado, maracujá-de-boi, maracujá-do-mato, maracujá-muchila
<i>P. contracta</i> Vitta	Maracujá-de-cacho, maracujá-de-cobra
<i>P. edmundoi</i> Sacco	...
<i>P. edulis</i> Sims.	Gema-de-ovo-grande, maracujá, maracujá-de-boi, maracujá-mirim, maracujá-peroba, maracujá-preto, maracujá-redondo, maracujá-roxo, peroba-roxa
<i>P. foetida</i> L.	Camapu, maracujá-de-cobra, maracujá-de-estalo, maracujá-de-estralo, maracujá-de-papoco, maracujá-de-papouco, maracujá-de-pipoco, maracujá-de-praia, maracujá-do-campo, maracujá-do-mato, maracujáí, maracujá-poca, maracujazinho-do-mato, poca-poca
<i>P. galbana</i> Mast.	Maracujá
<i>P. haematostigma</i> Mart. ex Mast.	Maracujá-de-veado
<i>P. luetzelburgii</i> Harms	Maracujá-de-boi, maracujá-de-raposa, maracujá-poca
<i>P. malacophylla</i> Mast. in Mart.	...
<i>P. mansoi</i> (Mart.) Mast.	Maracujá, maracujá-de-cobra, maracujá-do-mato
<i>P. miersii</i> Mast.	...
<i>P. misera</i> Kunth	Maracujá-bravo, maracujá-da-serra, maracujá-mirim, maracujazinho, tripa-de-galinha
<i>P. mucronata</i> Lam.	Maracujá-de-cobra
<i>P. mucugeana</i> sp. nov. ined.	...
<i>P. nitida</i> Kunth	...
<i>P. organensis</i> Gardn.	Maracujazinho-da-serra, maracujazinho, maracujáí
<i>P. odontophylla</i> Harms ex Glaziou	...
<i>P. pohlii</i> Mast.	...
<i>P. recurva</i> Mast. in Mart.	...
<i>P. rhamnifolia</i> Mast. in Mart.	...
<i>P. saxicola</i> Gontsch.	...
<i>P. setacea</i> DC	Maracujá, maracujá-do-mato
<i>P. sidaefolia</i> M.Roemer	...
<i>P. suberosa</i> L.	Maracujá-de-cortiça, maracujá-mirim, maracujazinho
<i>P. trintae</i> Sacco	...
<i>P. villosa</i> Vell.	...
<i>P. watsoniana</i> Mast.	...

**Tabela 2.** Interpretação eticista das características nominativas utilizadas na formação dos nomes comuns dados às espécies de Passifloraceae no Estado da Bahia, os quais foram registrados por Nunes e Queiroz (2006).

**Table 2.** Eticist interpretation of the nominative characteristics in the construction of the common names ascribed to species of Passifloraceae in the state of Bahia, as they were recorded by Nunes and Queiroz (2006).

Características nominativas	Nome comum
Morfologia do fruto (cor)	Maracujá-roxo, maracujá-preto, gema-de-ovo-grande, peroba-roxa
Morfologia do fruto (tamanho e forma)	Maracujá-açú, maracujá-mirim, maracujá-redondo, maracujzinho, maracujai, maracujá-peroba, maracujá-muchila
Morfologia do fruto (consistência da casca)	Maracujá-de-estalo, maracujá-de-estralo, maracujá-de-papoco, maracujá-de-papouco, maracujá-de-pipoco, poca-poca, maracujá-poca
Morfologia (hábito da planta)	Maracujá-brabo, maracujá-bravo, maracujá-de-cacho
Morfologia (consistência do caule)	Maracujá-de-cortiça
Ecologia (hábitat)	Maracujzinho-da-serra, maracujzinho-do-mato, maracujá-da-serra, maracujá-de-praia, maracujá-da-serra, maracujá-do-mato
Ecologia (uso alimentar por animais)	Maracujá-de-veado, maracujá-de-raposa, maracujá-de-cobra, maracujá-de-boi
Ação antropogênica	Maracujá-cultivado, maracujá-doce

como característica uma madeira de boa qualidade. Em seu estudo sobre as espécies de *Passiflora* presentes no Estado da Bahia, Nunes e Queiroz (2006) não registraram o uso madeireiro dessas plantas. O termo ‘camapu’ é a designação comum às plantas do gênero *Physalis*, da família Solanaceae, com cálice frutífero acrescentado, intumescido e vesiculoso, que envolve completamente o fruto, de distribuição cosmopolita, cultivadas pelos frutos e usos medicinais. Talvez por analogia de importância cultural, este termo seja atribuído à espécie *P. foetida*. Já o lexema ‘gema-de-ovo’ nomeia o fruto de uma espécie de *Passiflora* porque tem cor similar à da gema do ovo, que é amarela (Houaiss e Villar, 2001).

O termo ‘flor-da-paixão’ é resquício da influência da religião Católica (Teschauer, 1925; Marques, 1995). No Brasil, os primeiros colonos, induzidos pelos jesuítas, acreditavam que a flor reproduz os instrumentos

utilizados na paixão de Cristo: estiletos claviformes, com seus grandes estigmas (os cravos), anteras alongadas e largos filamentos (o martelo), coroa secundária da corola (a coroa de espinhos) e até mesmo as gavinhas (látigos). Daí o nome ‘passiflora’ ou ‘flor-da-paixão’ (Sangirardi Jr., 1981). Atribui-se ao padre Ferrari a paternidade deste nome, que a classificou em sua obra *De florum cultura* publicada em 1833 (Teschauer, 1925). No Brasil colônia, os maracujazeiros eram plantados nos cemitérios, à volta dos túmulos, provavelmente devido a esta simbologia místico-religiosa.

Levando-se em consideração a análise etnossemântica dos nomes comuns atribuídos às espécies de *Passiflora* em diferentes regiões do Estado da Bahia, os lexemas registrados se enquadram no que Berlin *et al.* (1973) denominaram de lexemas primários (Tabela 3). Estes podem ser classificados em simples, produtivos e

improdutivos. Os lexemas primários simples são aqueles que não se deixam decompor em unidades significativas menores, em morfemas ou outras palavras simples (Couto, 2007). Como exemplos, citam-se os termos ‘maracujá’ e ‘camapu’. Lexemas primários produtivos ocorrem quando um dos constituintes de cada expressão indica uma categoria superordenada à forma em questão (por exemplo, ‘maracujá-doce’); nos primários improdutivos, nenhum constituinte marca uma categoria superordenada à forma em questão (por exemplo, ‘tripa-de-galinha’).

Segundo os princípios da classificação etnobiológica estabelecidos por Berlin (1992), etnogêneros ou genéricos *folk* se referem às menores descontinuidades na natureza que são facilmente reconhecidos com base no largo número de características morfológicas totais. A maioria dos etnogêneros é monotípica e não inclui táxon de posição inferior. O

**Tabela 3.** Análise lexical, seguindo Berlin *et al.* (1973) e Couto (2007), dos nomes comuns das espécies de *Passiflora* no Estado da Bahia, conforme registrado por Nunes e Queiroz (2006).

**Table 3.** According to Berlin *et al.* (1973) and Couto (2007), lexical analysis of the common names of *Passiflora* species in the state of Bahia, as they were recorded by Nunes and Queiroz (2006).

Lexemas primários		
Simplex	Produtivos	Improdutivos
Maracujá	Maracujá-açú	Flor-da-paixão
Maracujazinho	Maracujá-doce	Gema-de-ovo-grande
Maracujáí	Maracujá-de-cobra	Peroba-roxa
Camapu	Maracujá-brabo	Poca-poca
	Maracujá-cultivado	Tripa-de-galinha
	Maracujá-redondo	
	Maracujá-de-estalo	
	Maracujá-de-estralo	
	Maracujá-de-papoco	
	Maracujá-de-papouco	
	Maracujá-de-pipoco	
	Maracujá-poca	
	Maracujá-do-campo	
	Maracujá-de-boi	
	Maracujá-do-mato	
	Maracujazinho-do-mato	
	Maracujazinho-da serra	
	Maracujá-de-veado	
	Maracujá-de-raposa	
	Maracujá-de-cortiça	
	Maracujá-da-serra	
	Maracujá-bravo	
	Maracujá-muchila	
	Maracujá-mirim	
	Maracujá-peroba	
	Maracujá-preto	
	Maracujá-roxo	
	Maracujá-de-praia	
	Maracujá-de-cacho	

lexema ‘maracujá’, no entanto, é um genérico politípico, uma vez que 29 específicos foram registrados (Tabela 3). Segundo Berlin (1992), os táxons genéricos politípicos quase invariavelmente se referem àquelas classes de organismos que são culturalmente importantes, uma vez que categorias altamente diferenciadas reconhecidas pela sociedade como um todo devem ser o indicador mais forte de utilidade ou importância cultural. Além disso, o reconhecimento de genérico politípico é o resultado da diversidade biológica de algumas regiões, fato que se comprova com a identificação de 31 espécies de *Passiflora* no Estado da Bahia (Nunes e Queiroz, 2006). A importância cultural das passifloráceas é evidente, uma vez que o fruto é utilizado para diversos fins (alimentícios, medicinais), apresentando alto valor comercial. No Estado da Bahia, Nunes e Queiroz (2006) apontam que *P. cincinnata* Mast. é muito apreciada por seu fruto de sabor agri-doce, muitas vezes cultivada em pequena escala para a produção de suco, visando

ao abastecimento de mercados locais, como pode ser observado em feiras livres de algumas cidades do interior do estado. *P. alata* Curtis é cultivada pela beleza de suas ramagens e flores; os frutos são comestíveis (Cervi, 1997). *P. edulis* Sims. é a espécie mais cultivada devido ao seu grande valor comercial.

A etimologia do nome comum pode ser instrutiva sobre uma ou mais propriedades da planta. Como Daly (1998) afirma, todos os elementos de um dado organismo – conceitos e percepções a seu respeito, suas partes anatômicas, seus usos e as relações com outros organismos – podem, em um dado momento, ser unificados por um identificador único: seu nome. Os nomes comuns podem revelar bastante sobre muitos desses elementos. Dessa maneira, o autor enfatiza que os nomes comuns, vernáculos ou nativos devem ser tratados com atenção meticulosa, ou sua informação e sua utilidade se perdem.

Os nomes das plantas podem ser estudados quanto à forma (esquemas

lingüísticos) e à semântica (Couto, 2007). Do total de 38 denominações, 15 se referem ao esquema N de N (nome de nome), como exemplificam ‘maracujá-de-cobra’ e ‘maracujá-do-mato’; no esquema N+A (nome + adjetivo), foram registradas nove formas, como ‘maracujá-açu’ e ‘maracujá-roxo’; no esquema N+N, apenas duas, como ‘maracujá-peroba’ e ‘maracujá-poca’; e o esquema N+inho registra a forma ‘maracujazinho’ (Tabela 4). Ainda na Bahia, os frutos dos maracujazeiros são conhecidos pelos seguintes nomes: ‘camapu’, ‘flor-da-paixão’, ‘peroba’, ‘tripa-de-galinha’, ‘gema-de-ovo-grande’ e ‘poca-poca’. Em uma tentativa de estabelecer uma correspondência entre o sistema de classificação etnobiológico e a sistemática biológica científica (ou lineana), Berlin (1966) distinguiu três categorias. A unidade básica de comparação é o genérico ou etnogênero, mas neste artigo a unidade selecionada é o específico ou etnoespécie. A primeira das três categorias comparativas, denominada correspondência um-a-um, ocorre quando um

**Tabela 4.** Análise semântica do lexema ‘maracujá’.  
**Table 4.** Semantic analysis of the lexeme ‘maracujá’.

Esquema N de N: 15	Esquema N+A: 9	N+N: 2	N+inho: 1
Maracujá-de-cobra	Maracujá-açu	Maracujá-peroba	Maracujazinho
M.-do-mato	M.-doce	M.-poca	
M.-de-boi	M.-brabo		
M.-de-veado	M.-bravo		
M.-de-raposa	M.-cultivado		
M.-de-estralo	M.-mirim		
M.-de-estalo	M.-preto		
M.-de-praia	M.-roxo		
M.-de-papoco	M.-redondo		
M.-de-papouco			
M.-de-pipoco			
M.-de-cacho			
M.-do-campo			
M.-da-serra			
M.-de-cortiça			

único táxon específico referir-se a apenas uma espécie da sistemática lineana; a segunda, a super-diferenciação, dá-se quando dois ou mais específicos correspondem a uma única espécie científica; a terceira, a sub-diferenciação, subdi-

vide-se em dois tipos. A do tipo 1 diz respeito a quando um táxon específico refere-se a duas ou mais espécies lineanas do mesmo gênero, enquanto a do tipo 2 se refere a um mesmo específico que corresponde a duas ou mais espé-

cies de dois ou mais gêneros científicos. A Tabela 5 traz exemplos da correspondência entre as espécies populares de maracujás e os equivalentes científicos. Neste estudo, apenas a sub-diferenciação tipo 1 foi registrada.

**Tabela 5.** Exemplos de correspondência taxonômica entre as etnoespécies de maracujás e seus equivalentes lineanos, segundo Berlin (1966).  
**Table 5.** Examples of taxonomical correspondence between the 'maracujás' ethnospecies and their Linnaean equivalents, according to Berlin (1966).

Nome comum	Classificação botânica
<b>Correspondência um-a-um</b>	
Maracujá-de-cortiça	<i>Passiflora suberosa</i>
<b>Super-diferenciação</b>	
Maracujá-de-papouco, Maracujá-de-papoco, Maracujá-de-pipoco, Maracujá-de-estralo, Maracujá-de-estalo, Maracujá-poca, Poca-poca, Camapu	<i>P. foetida</i>
<b>Sub-diferenciação (tipo 1)</b>	
Maracujá-de-cobra	<i>P. contracta</i> , <i>P. amethystina</i> , <i>P. mansoi</i> , <i>P. mucronata</i>

## Conclusão

O universo léxico que compõe um dado idioma resulta de um longo processo biológico, histórico e cultural, traduzido na imensa variedade de sons e símbolos utilizados para dar sentido a tudo que existe e circunda a espécie humana.

O estudo da classificação etnobiológica é de grande importância tanto para entender e compreender a biodiversidade local como para investigar a universalidade da capacidade humana de classificar o mundo biológico. Por outro lado, a existência de variações fonéticas dentro de um mesmo contexto lingüístico-cultural é um fenômeno que merece ser investigado e conservado.

A riqueza de nomes comuns para os tipos de maracujazeiros encontrados em praticamente todo o território do Estado da Bahia reflete uma forte correlação positiva entre importância cultural e grau de diferenciação léxi-

ca. O alto grau de variação léxica, especialmente em termos de sinonímia, corrobora tal fato.

## Referências

- ALBUQUERQUE, U.P. 2005. *Introdução à etnobotânica*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Interciência, 93 p.
- ATRAN, S. 1990. *Cognitive foundations of natural history*. Londres, Cambridge University Press, 372 p.
- BERLIN, B. 1966. Folk taxonomies and biological classification. *Science*, **154**:273-275.
- BERLIN, B. 1992. *Ethnobiological classification: principles of categorization of plants and animals in traditional societies*. New Jersey, Princeton University Press, 335 p.
- BERLIN, B.; BREEDLOVE, D.E.; RAVEN, P.H. 1973. General principles of classification and nomenclature in folk biology. *American Anthropologist*, **75**:214-242.
- BROOKER, S.G.; CAMBIE, R.C.; COOPER, R.C. 1998. *New Zealand medicinal plants*. Auckland, Reed Books, 268 p.
- BROWN, C.H. 1985. Mode of subsistence and folk biological taxonomy. *Current Anthropology*, **26**:43-64.
- BROWN, C.H. 2001. Linguistic ethnobiology: Amerindian oak nomenclature. In: FORD, R. I (ed.), *Ethnobiology at the millennium: past pro-*
- mise and future prospects*. Ann Arbor, University of Michigan, p. 111-147.
- CASTNER, J.L.; TIMME, S.L.; DUKE, J.A. 1998. *A field guide to medicinal and useful plants of the Upper Amazon*. Gainesville, Feline Press, 154 p.
- CERVI, A.C. 1997. Passifloraceae do Brasil. Estudo do gênero *Passiflora* L., subgênero *Passiflora*. *Fontqueria*, **45**:1-92.
- CONKLIN, H.C. 1954. *The relation of Hanunóo culture to the plant world*. Tese de Doutorado, Yale University, New Haven, 471 p.
- CONKLIN, H.C. 1962. Lexicographical treatment of folk taxonomies. *International Journal of American language*, **28**:119-141.
- COTTON, C.M. 1997. *Ethnobotany: principles and applications*. Chichester, John Wiley & Sons, 434 p.
- COUTO, H.H. 2007. *Ecolingüística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília, Thesaurus, 462 p.
- DALY, D.C. 1998. Systematics and ethnobotany: what's in a name? In: V.S. FONSECA; I.M. SILVA; C.F.C. SÁ (orgs.), *Etnobotânica: bases para conservação*. Seropédica, EDUR, p. 50-68.
- HARRIS, M. 1976. History and significance of the emic/etic distinction. *Annual Review of Anthropology*, **5**:329-350.
- HARSHBERGER, J.W. 1896. Purposes of ethnobotany. *Botanical Gazette*, **21**:146-154.
- HARTMANN, T. 1967. *A nomenclatura botânica Borôro (materiais para um ensaio etnobotânico)*. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 89 p.



- HAVERROTH, M. 1997. Etnobotânica: uma revisão teórica. *Antropologia em Primeira Mão*, **20**, 50 p. Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/~nessi/Etnobotanica%20uma%20revisao%20teorica.htm>, acesso em: 21/08/2007.
- HAYS, T.E. 1983. Ndumba folk biology and general principles of ethnobotanical classifications and nomenclature. *American Anthropologist*, **85**:592-611.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. 2001. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2.922 p.
- HUNN, E. 1982. The utilitarian factor in folk biological classification. *American Anthropologist*, **84**:830-847.
- JORGE, S.S.A.; MORAIS, R.G. 2003. Etnobotânica de plantas medicinais. In: M.F.B. COELHO; P. COSTA JÚNIOR; J.L.D. DOMBROSKI (eds.), *Diversos olhares em etnobiologia, etnoecologia e plantas medicinais*. Curitiba, Unicen, p. 89-98.
- LÉVI-STRAUSS, C. 1962. *O pensamento selvagem*. São Paulo, Papyrus, 330 p.
- MAFFI, L. 1999. Language and the environment. In: D.A. POSEY (ed.), *Cultural and spiritual values of biodiversity*. Londres, ITP, p. 22-29.
- MARQUES, A.N. 1995. *Pessoas, plantas e animais*. 2ª ed., Salvador, Federação da Agricultura do Estado da Bahia, 185 p.
- NUNES, T.S.; QUEIROZ, L.P. 2006. Flora da Bahia: Passifloraceae. *Sitientibus ser. C. Biol.*, **6**(3):194-226.
- POSEY, D.A. 1986. Etnobiologia: teoria e prática. In: B.G. RIBEIRO (ed.), *Suma Etnológica Brasileira*, v. 1. *Etnobiologia*. Petrópolis, Vozes, p. 15-25.
- PRANCE, G.T. 2000. Ethnobotany and the future of conservation. *Biologist*, **47**:65-68.
- REVEL, N. 1994. *Fleurs de paroles: histoire naturelle Palawan I: lens dons de Nāgsalad*. Paris, Editions Peeters, 390 p.
- SAMPAIO, M.A. 1995. *Palavras indígenas no linguajar brasileiro*. Porto Alegre, Sagra, DC Luzzatto, 153 p.
- SANGIRARDI JR. 1981. *Plantas eróticas*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Nórdica, 138 p.
- TESCHAUER, C. 1925. *Fauna e flora nos costumes, superstições e lendas brasileiras e americanas*. 3ª ed., Porto Alegre, Barcellos, Bertaso e Cia., 279 p.
- VOEKS, R.A. 1996. Tropical forest healers and habitat preference. *Economic Botany*, **50**:381-400.

Submitted on August 27, 2007  
Accepted on November 22, 2007